

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XV



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1976

**CONTRIBUTO PARA A COMPREENSÃO
DAS DIVINDADES DO «GRUPO BAND»
— UMA NOVA ARA**

A ara votiva em granito que aqui é apresentada foi achada há alguns meses por Manuel de Jesus Marques Leitão, em S. Martinho, a 3,5 kms a sudeste de Castelo Branco, fazendo hoje parte da rica secção epigráfica do museu daquela cidade C).

O monumento está incompleto, já que dele se perdeu a parte superior; ainda assim o campo epigráfico que nos resta tem 0,28 m de altura, estando delimitado na parte inferior por uma moldura. As dimensões totais são: alt. 0,43 m, larg. 0,26 m, esp. 0,20 m.

Linha 1: as letras estão cortadas de uma maneira irregular, mas lê-se sem dificuldade VOR. No resto da linha há espaço para mais duas letras que restituímos TE, baseados na flagrante identidade do conjunto das letras anteriores mais as da linha 2, com a forma já conhecida de Bandi VORTEAECEO, aparecida no Salgueiro (Fundão) (2). Além disso, na extremidade do lado direito,

0) O estudo original desta inscrição estava para ser apresentado num conjunto mais amplo, que se encontra inédito e que irá em breve ser publicado, provavelmente nos «Estudos de Castelo Branco», pelo autor e por Manuel Leitão, João Caninas e Francisco Henriques; no entanto, a importância e o interesse do monumento para a elaboração do ponto da situação no estudo das divindades indígenas do «grupo Band» que se faz nesta revista, levou-me a redigir, a pedido da redacção de «Conimbriga», as presentes e breves observações sintetizadas.

S. Martinho é uma estação arqueológica do maior interesse, com uma ocupação cronologicamente muito vasta e já devidamente assinalada.

(2) Reburrus/Tancini/Bandi Vo/rteaeceo u(otum) s(oluit). Sobre esta divindade descoberta em 1942 por José A. Monteiro, ver estudo e bibliografia

quebrado, vê-se ainda o arranque dum traço que deve (pode) ser o do T.

Linha 2: Letras de 4/4,5 cms. Lê-se facilmente AECIO, embora o O esteja partido ao meio.

Linha 3: Letras de 3,5/4 cms. Bem demarcada da anterior (cerca de 4 cms) está a fórmula A L V S.

As letras estão gravadas a pouca profundidade, mas apresentam, podemos considerá-lo, uma elegância e simetria não muito frequentes neste tipo de aras. Atendendo à forma das letras julgamos poder atribuí-la ainda ao século i d.G. (*).

Teremos assim:

...[Bandi] / Vor[te] / aecio / a(nimo) l(ibens) v(otum) s(olvit)

Na verdade julgamos que não será de duvidar que se trata da mesma divindade *Bandi-* que já apareceu no Salgueiro, pois que é lógico supor que sendo o seu segundo elemento — epíteto — igual em ambas (e tudo o indica, como vimos), também é natural que o fosse a palavra inicial, *Bandi* (dativo). Esta hipótese, ainda que seja a que me parece mais viável, só poderá, evidentemente, ser provada pela descoberta do resto da ara, mas mesmo admitindo que ela não existisse, estaríamos perante mais um caso como o da justa observação de Jorge de Alarcão⁽²⁾, no seguimento de José d'Encarnação⁽³⁾: «uma divindade podia ser adorada apenas pelo seu sobrenome».

O sufixo (no nominativo) *aecius* só parece existir noutra divindade — *Tritiaecius*; no entanto ele deve ser muito provavelmente uma ligeiríssima diferença dialectal⁽⁴⁾ da forma *aeceus deVortaeceus*, não se afastando muito dos outros sufixos das divindades do «grupo

em José d'ncarnação, *Banda, importante divindade indígena*, «Conimbriga», 12, 1973, p. 209 e, do mesmo autor, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, p. 137-138. Estes são, como é sabido, os dois estudos mais completos sobre esta problemática.

P) Utilizei o livro de P. B. Huguet, *Epigrafia Latina*, Barcelona, 1946, p. 11-16 e 114-115.

(2) *Portugal Romano*, Lisboa, 1973, p. 171.

(3) *Banda...*, p. 214.

(4) Ver, por exemplo, Endovellicus-Endovollicus, Arentius-Arantia.

Band-», *aecus*, *aicus*, *eacws*, (*). A terminação C₂HS, encontramos-a também nas divindades *Picius* e *Rannelpicius*.

Mas qual será afinal o real interesse que esta inscrição contém? Julgamos que se encontra no facto de dar maior consistência ao fundamento étnico do elemento complementar do radical teonímico *Band-*, pois o facto de ele se encontrar em dois locais relativamente afastados (2) mostra duas populações com ligações muito íntimas e profundas, possuindo uma mesma divindade protectora, isto numa forma bem mais precisa e delimitada que a dada pela vasta área onde era cultuado *Band-*. Esta ara vem pois a ser um importante elemento para o melhor conhecimento desta problemática histórico-religiosa, vindo a enquadrar-se e a alargar as perspectivas de Maria de Lurdes Albert Firmat (3), entre outros autores, que relaciona os epítetos com entidades gentilícias. Ainda assim, há que reconhecer que a expressão adjectival não se deverá desenquadrar dum sentido tópico em íntima e dialéctica conotação com o elemento étnico e religioso.

Estas observações, parecendo-me as mais correctas, deverão contudo ser aprofundadas dentro de um processo de discussão e reflexão necessárias que a pouco e pouco vão esclarecendo muitos aspectos ainda obscuros.

Um outro elemento poderíamos acrescentar aqui, de forma a completar mais um pouco a presente problemática, que é o da descoberta também em S. Martinho de uma outra ara de granito (4) cuja leitura apresentamos de seguida:

Iunon/i Ineai/cae/ Talaiuu(s)/Caeri f(ilius)/D(e) s(uo) d(edit)

f) Observe-se que elas são ainda bastante irregulares e denotam, parece-nos, nítidas diferenças dialectais.

(2) Esta ideia é também sugerida pelo aparecimento da ara de Alenquer; simplesmente esta tem uma dificuldade de muita importância, que é o desconhecimento do local de proveniência, facto que a presente ara supera. Assinalo também aqui que uma hipótese do tipo da terceira, levantada para explicar aquela, não me parece aplicável ao presente caso.

(3) *Organizaciones sup erf amiliares en la Hispania Antigua* (Studia Archeologica, 37), Santiago de Compostela, 1975, p. 49-63.

(4) Esta ara, que foi também descoberta por Manuel Leitão e se encontra no Museu de Castelo Branco, terá o seu devido estudo publicado de acordo com o que se disse na nota introdutória.

Além de ser mais um caso muito importante de sincretismo teísta lusitano-romano que, praticamente pela primeira vez na Península, pode ser bem conhecido na sua aplicação a Juno (*), há que observar aqui que *Ineaica* poderia ter um sentido e características semelhantes a *Vorteaecius*; e se efectivamente tiver um sentido étnico-religioso, uma resposta já apontada por Jorge de Alarcão ⁽²⁾ parece-me bem aceitável: «Sob o domínio romano, porém, já várias «gentilitates» conviviam numa mesma povoação»; se contudo ele tiver apenas um sentido religioso, a questão, creio, deixa de se pôr. Mas, pelo grande interesse, voltaremos ainda ao tema, como já dissemos, duma forma mais detida.

JOSÉ MANUEL GARCIA *

f¹) A propósito das inscrições do CIL II, 430 e 2409 vid. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas...*, p. 206.

(²) Ob. cit., p. 24.

